

O epitáfio, vitória sobre a morte

*José d'Encarnação**

Escreveu Celestino Costa, um canteiro de Cascais que faz jazigos, campas, epitáfios... e versos nas horas vagas:

*Eu gosto tanto da vida,
E logo me calhou em sorte
Passar parte dessa vida
No território da morte.¹*

Assim o epigrafista.

Se há um campo onde as inscrições abundam é justamente nos cemitérios. Lido diariamente – posso dizê-lo – com o universo da morte, que não é, convém acentuar desde já, um universo fúnebre.

Estivemos a escavar, há anos, parte do cemitério do Convento de Nossa Senhora da Piedade, em Cascais. Quem nos visitava e via os esqueletos não deixava de sentir um certo estremecimento e quedava-se admirado ao observar que nós e os nossos jovens como que «tratávamos por tu» esses restos mortais. É que, nessas alturas, quase nos apetece perguntar com S. Paulo, na sua I Carta aos Coríntios (15, 55):

«Onde está, ó Morte, a tua vitória?».

Daí que, num momento em que tanto se fala da vitória da Morte, talvez não seja inoportuno reflectir em conjunto sobre a sua derrota, consubstanciada no epitáfio. O carácter implacável da morte determinou o aparecimento de formas de lhe sobreviver: o epitáfio é uma delas².

1) In *A Minha Terra e Eu*, Associação Cultural de Cascais, ²1995, p. 93.

2) Este texto constitui, na sua essência, a lição que proferi, em Coimbra, a 9 de Setembro de 1993, no âmbito do V Curso de Verão do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, subordinado ao tema *O Triunfo*

A visita a um cemitério proporciona, na actualidade como nos tempos idos, motivos profundos de reflexão, na medida em que aí nos é possível colher flagrantes da atitude do Homem perante a Morte. Talvez simultaneamente um rasgar de pistas, porque – interessados na história local, na vivência das gentes, no instantâneo significativo... – amiúde deixamos passar despercebido o insuspeitado e farto manancial histórico que constitui o mundo dos epitáfios.

Ocorre perguntar, em primeiro lugar: qual é, afinal, a função do epitáfio?

«Salvar o nome do esquecimento», direi – usando a tão feliz expressão do meu saudoso amigo Gabriel Sanders³.

Quando entrevistava, no programa «Sexo Forte», da SIC, a 14 de Julho de 1993, uma jovem cabo-verdiana prestes a licenciarse em Matemáticas mas que decidira dedicar os seus tempos livres à alfabetização de adultos, Paula Moura Pinheiro perguntou-lhe qual era a primeira coisa que os seus alfabetizandos queriam aprender.

– A escrever o seu nome – foi a resposta pronta.

O nome.

E a sua importância.

Nós, professores – que já fomos estudantes – sabemos quanto nos cativa, anos passados, o nosso antigo aluno ainda nos conhecer pelo nome ou quanto nos consolamos ao rever um antigo aluno cujo nome ainda não esquecemos. Há um brilho diferente nos olhos...

Tem algo de mágico o nome. Conhecê-lo como que implica posse. Daí haver cartas anónimas. Daí as bruxarias que não resultam se o nome for desconhecido. Por isso, os Romanos picavam nos monumentos o nome

de *Thanatos*, *A Arte e a Morte*. Algumas das imagens que a ilustraram haviam sido colhidas, em finais de Outubro de 1991, na companhia do Padre Belarmino Afonso, no cemitério de Bragança, por onde, após uma visita de estudo a sítios arqueológicos dos arredores e a depósitos de epígrafes romanas, nos passeámos, entre mármores e cruces. E concluímos que também o cemitério antigo de Bragança detinha, nos seus epitáfios e nos seus monumentos funerários, informação ímpar acerca de personalidades de tempos idos. Daí que, ao ser-me endereçado convite para participar neste volume de homenagem – o que mui gostosamente faço – eu logo haja pensado em ‘desenterrar’ uma lição de outrora que, segundo creio, se mantém prenhe de actualidade.

3) SANDERS (Gabriel), «Sauver le nom de l’oubli: le témoignage des CLE d’Afrique et aliunde», *L’Africa Romana*, Sassari, 1989, p. 43-79.

do imperador ou do magistrado malditos: era a *damnatio memoriae*. *Damnatio memoriae*, «condenação da memória» - porque, apagado o nome, apagava-se a memória.

Estamos recordados da imagem que mostrava a violação do cemitério judaico de Carpentras, em Paris, pela sanha anti-semítica⁴. Violação dos túmulos, sim; o túmulo, algo de sagrado, de visceralmente inviolável. E destruição de epitáfios, para que até o nome desapareça.

O nome, indício de uma ideologia. Não é o baptismo, uma iniciação, acompanhado da atribuição de um nome? Não deixa o Cardeal Y de ter nome próprio para - eleito Papa - passar a ter um nome universal?

Poder-se-ia pensar que me estava a afastar do tema; de pronto, todavia, se verificará que não, porque, na verdade, são os nomes o que de mais relevante há no epitáfio. Tanto do ponto de vista de vitória sobre a morte como do de história das mentalidades.

Porque, repare-se, que nomes surgem num epitáfio?

Está no museu de Elvas uma placa⁵ datável do século I da nossa era, cuja inscrição (foto 1) reza o seguinte:



Guilherme Cardoso

Foto 1

Q(uitus) ATTIVS L(ucii) F(ilius) SER(gia tribu) / RVSTICVS H(ic) S(itus) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis) / NVMITORIA Q(uinti) F(ilia) MAXVMA / F(aciendum) C(uravit)

4) No semanário *Expresso* de 22.12.1990, p. 10.

5) Cf. ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis (=IRCP)*. Coimbra, 1984, nº 579, p. 644-645.

Ou seja, em português:

*Aqui jaz Quinto Átio Rústico, filho de Lúcio, da tribo Sérgia.
Que a terra te seja leve. Numitória Máxima, filha de Quinto,
mandou fazer.*

Perguntar-se-á:

- Quem é Numitória Máxima?
- Porque omite o grau de parentesco com Rústico (de quem não é filha, pois não detém o mesmo gentilício)? Porque toda a comunidade conhecia esses laços e, por isso, era dispensável a sua menção? Ou porque, nessas circunstâncias, o que era público não conviria gravá-lo na pedra?
- Que mundo – outro – estará por detrás deste «esquecimento»?

Esta reflexão leva-me a uma outra, sobre a palavra «amigos». Um vocábulo com inúmeras conotações e que, num monumento epigráfico, detém um significado que vai para além da mera relação de afecto, sentimental ⁶.

Quando, num epitáfio, são os amigos que se apresentam como dedicantes, temos a certeza de que essa amizade é, concomitantemente, uma ligação social, económica, cultural... Numa palavra: clientelismo. Um tema que nos levaria longe...

De facto, há um dado a reter: no epitáfio, não figura apenas o defunto, há igualmente o dedicante. E bastas vezes apetecerá perguntar qual é, no fundo, a mensagem mais importante que se pretende fazer passar:

– a perpetuação da memória do defunto

ou

– o público reconhecimento de que alguém lhe prestou homenagem?

CARLOS MARTINS SANTOS OLIVEIRA

N. 23-1-1904

F. 10-8-1976

ETERNA SAUDADE DE SUA
MULHER FILHOS E NETOS

6) Há diversos textos em que este tema já foi abordado, no que à época romana diz respeito. Poderá ver-se: REALI (Mauro), *Il Contributo dell'Epigrafia Latina allo Studio*

Neste caso, por exemplo: apesar de todos os familiares se apresentarem anónimos (que doutra sorte não poderia ser), não se há-de ver aqui a necessidade de, embora de forma estereotipada, a família mostrar à sociedade, aos outros, que não esqueceu o ente querido?

Uma função familiar; uma função social – não há dúvida.

Já voltaremos aos estereótipos. Mas não posso deixar de ilustrar agora, com outro documento, a eloquência do epitáfio, mesmo que desprovido de grandes discursos.

Existe no cemitério de Cascais esta inscrição em negra placa de basalto (foto 2):



Foto 2

Guilherme Cardoso

DR. EVO FERNANDES
NASCIDO A 10-6-1944
ASSASSINADO A 21-4-1988

Ainda que tudo desconheçamos acerca de Evo Fernandes, a dureza do fraseado, a negrura do basalto, a inusitada menção do grau académico e a presença da palavra «assassinado» - levam-nos a uma reflexão. Pressentimos tragédia na vastidão das entrelinhas⁷.

dell'Amicitia: Il Caso della Cisalpina, Firenze, 1998. Na Península Ibérica, J. M. Serrano Delgado tem dedicado ao assunto alguma atenção; dele poderemos citar: «Documentos adicionales relativos a la *amicitia*», *Habis*, 20, 1989, p. 175-183.

7) O corpo de Evo Fernandes, dirigente de um dos partidos políticos que então disputava o poder em Moçambique, foi encontrado abandonado no litoral cascalense.

Falámos de estereótipos. Frases, palavras que são lugares-comuns, desprovidas, muitas vezes, de sentido para quem as usa.

Há um outro epitáfio do cemitério de Cascais que particularmente me tocou, pelo que pode proporcionar como reflexão⁸: um livro de mármore ostenta, na página da esquerda, quase envolvidos por quatro pés de rosa, o retrato da defunta e os seguintes dizeres:

SANDRA
ISABEL
M. B. AMORIM
* 10-11-1974
† 26-7-1977

Na página da direita:

ANJO ADORADO
DEUS TE GUARDE
NO SEU SEIO
COMO NÓS TE
GUARDAMOS
NO NOSSO
CORACÃO. INFINITAS
LÁGRIMAS DE SEUS
PAIS E IRMÃ

Repare-se como a frase coloquial, expressamente pensada para este caso, na segunda pessoa, se une – inclusive sem adequada paginação – com um texto estereotipado, na terceira pessoa, como resultante da intervenção do canteiro.

Um texto a comparar com este outro, procedente de Tróia (concelho de Grândola), datável do século II ⁹:

D(is) M(anibus) S(acrum) / PACCIAE LEPIDINE / AVIAE MEAE
PIEN/TISSIME AN(norum) LXXX (octoginta) / POSVIT Q(uintus)
L(icinius?) FELIX NE/POS S(it) T(ibi) T(erra) L(evis).

8) Já tive ensejo de me referir a ele outras vezes: cf., por exemplo, *Estudos sobre Epigrafia*, Coimbra, 1997, p. 9.

9) Cf. IRCP 219.

Consagrado aos deuses Manes. A Pácia Lepidina, minha avó, modelo de piedade, de oitenta anos. O neto, Quinto Licínio (?) Félix, colocou. Que a terra te seja leve.

Duas expressões chamaram, decerto, a atenção: «eterna saudade», «infinitas lágrimas». Quando manda rasgar a pedra para nela gravar uma mensagem, o dedicante acredita que é eterna, para sempre.

Por isso, há quem se antecipe e mande gravar em vida o epitáfio ou cuide do seu próprio sepulcro:

L(ucius) MELIVS
C(aii) F(ilius) VOLT(inia tribu)
PATERNVS
VIVVS SIBI

«Lúcio Mélio Paterno, filho de Gaio, da tribo Voltínia, vivo, para si» – lê-se numa pedra, datável do século I, patente no Museu Arqueológico de Nîmes.

Já Trimalquião, a célebre personagem do *Satíricon* de Petrónio († 66 d. C.), que se diz douto nas letras epigráficas («lapidarias litteras scio»), embora menospreze as outras («Nunca fui aluno dos filósofos»...), dá instruções precisas a Habinas para que lhe construa o túmulo como lhe encomendou:

Peço-te insistentemente que, aos pés da minha estátua, representes a minha cadelinha, coroas, perfumes e todos os combates de Petraites, para que, graças a ti, eu continue a viver depois da minha morte. Além disso, quero que haja cem pés de fachada, duzentos de profundidade. Quero também toda a espécie de árvores de fruto à volta das minhas cinzas e muitas vinhas. Com efeito, é um grande erro ter, em vida, uma casa bem fornecida e não se ocupar daquela onde teremos de habitar mais tempo. É por isso que, acima de tudo, quero que se acrescente: «Este monumento não faz parte da herança».¹⁰

10) Segui a tradução de Jorge de Sampaio, publicada na colecção Livros de Bolso de Publicações Europa-América, nº 68, Mem Martins, 1993, cap. 71, p. 78.

A propósito do que pitorescamente Petrónio põe na boca de Trimalquião quanto às

Daí as confrarias fúnebres, tanto nos tempos de Roma como na actualidade: surpreendi, junto da sé de Braga, uma velhinha tabuleta de mármore a sinalizar a secretaria da Associação de S(ocorros) M(útuos) Fúnebre Familiar Bracarense.

Daí as disposições testamentárias¹¹ – que têm frequentemente como contrapartida, ao tempo dos Romanos, a libertação de escravos. É o que documenta este bloco¹² que está no Museu do Fundão, proveniente de Freixial, freguesia de Telhado, desse concelho:

EPHEBO AVITI LIB(erto)
CAESIA LIB(erta) FEC(it)
EX TEST(amento) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis)

A Efebo, liberto de Avito. Césia, liberta, fez, por testamento. Que a terra te seja leve.

Por vezes, enganam-se. Uma eternidade fictícia:

- basta visitar, em Paris, o cemitério do Père Lachaise para ver o estado de ruína em que se encontram muitos jazigos, inclusive de gente célebre;
- basta recordar os anúncios que, de vez em quando, os jornais publicam, de jazigos abandonados;
- basta lembrar como a imprensa se faz eco do desmazelo em que está este ou aquele monumento de homens ilustres.

Por vezes, acredita-se piamente que outros completarão o que falta. Piamente.

E posso aduzir como exemplo a placa de um jazigo achada em

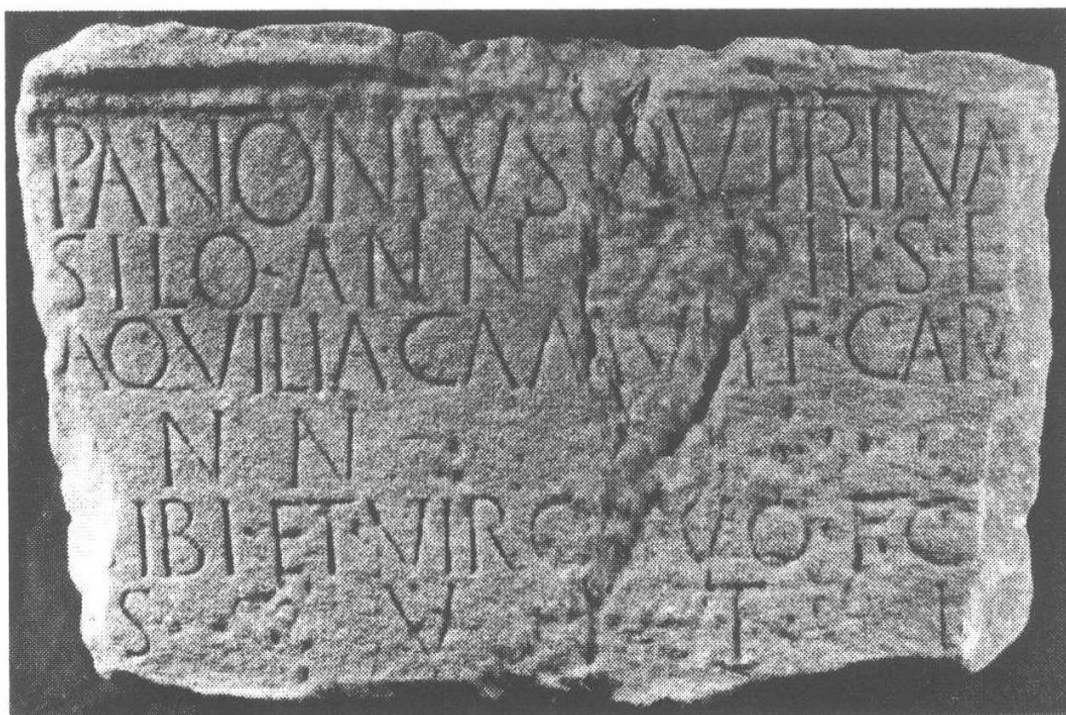
características do seu monumento funerário, importará dizer que tal não é tão invulgar assim. Na verdade, numa inscrição romana de Spinazzola (Bari), enumeram-se os elementos constituintes de um domínio funerário completo, que compreendia uma pequena casa destinada ao guarda (*domus*), o túmulo propriamente dito (*sepulchrum*), cuja manutenção era assegurada pelos rendimentos de um campo (*ager*) e de um horto (*hortus*). Aliás, aí se acrescenta que o defunto - neste caso, um médico, Cléon de seu nome - leva para a última morada (*hic*) a recordação dos prazeres que conheceu durante a vida. Cf. *L'Année Épigraphique* (=AE), 1985, 297.

11) Cf. MARCOS (Rui Manuel de Figueiredo), «Em torno do “Ius Sepulchri” romano - alguns aspectos de epigrafia jurídica», *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, LXIII, 1987, p. 153-182.

12) Cf. VAZ (João Luís), «Inscrições romanas do Museu do Fundão», *Conimbriga*, XVI, 1977, p. 17 (=AE 1977 360).

Vaiamonte¹³. Data dos primórdios do século I da nossa era. O marido morreu e a mulher apressou-se a mandar erguer sepulcro para os dois, com o correspondente epitáfio, onde incluiu o seu nome, Aquília Cara, e o voto final: «Que a terra vos seja leve». Deixou, porém, em branco, na quarta linha, o espaço para aí ser gravada a idade com que viesse a falecer e a fórmula H(ic) S(iti) S(unt), «aqui jazem» (foto 3). Apenas sucedeu o inesperado: ninguém preencheu a linha!...

Uma outra palavra-tipo nas inscrições funerárias romanas é



Guilherme Cardoso

Foto 3

pietissimus, «modelo de piedade».

A *pietas* era uma qualidade moral da maior importância para os Romanos: significava a dedicação aos seus, ao próximo, ao Estado, aos deuses. O maior elogio que se fazia a alguém¹⁴. E poder-se-á estranhar que todas as mulheres e todos os maridos sejam «modelos de piedade» (quando morrem...). É que o superlativo detém, neste contexto, um significado propiciatório: o elogio exerce sobre o defunto uma função apaziguadora, ‘convence-o’ da sua bondade e ‘impede-o’ de vir importunar o mundo dos vivos.

Isto leva-me a falar do diálogo entre os vivos e os mortos.

Sirva-nos de testemunho o epitáfio de Comínia Avita, falecida com

13) IRCP 578.

14) Cf., de Maria Helena Rocha PEREIRA, *Estudos de Cultura Clássica, II volume – Cultura Romana*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1984, p. 326-330.

nove anos de idade, mandado lavar por seus pais – há dois mil anos atrás – Marco Comínio Clemente e Víbia Avita¹⁵. Achado na freguesia de Santo Ildefonso, concelho de Elvas, o texto traz um pedido:

T(e) R(ogo) P(raeteriens) D(ic) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis)
«Rogo-te, ó passante, dize: ‘Que a terra te seja leve!’».

O uso de siglas prova que se trata de fórmula habitual. A utilização da segunda pessoa revela intimidade. A adopção da forma verbal no presente assim como a deliberada ausência de cronologia relativa constituem marcas evidentes de que se pretende uma intemporalidade, uma presença constante¹⁶.

Veja-se como, ao invés, nos epitáfios cristãos, além da menção da idade, se explicita claramente o dia em que o óbito ocorreu, porque esse dia há-de ser recordado como o primeiro da vida verdadeira, a do Além, a da comunhão com Deus¹⁷:

«Festelo, servo de Deus, viveu seis anos; descansou na paz de Deus no 7º dia das calendas de Março de 565. Ora por mim»

– reza um epitáfio de Mértola, datado de 23 de Fevereiro de 527¹⁸.

«Descanse em paz» (D. E. P. – como se lê nas lousas do cemitério de S. Brás de Alportel) é o correspondente cristão e português do *sit tibi terra levis* romano, que tem, curiosamente, na ideologia muçulmana, um equivalente pleno de poesia e de significado: «Que as nuvens reguem a tua tumba!»...

Sempre, contudo, a mesma ideia de comunicabilidade entre o passante e o morto. Um chamar de atenção que pode assumir o pedido duma prece pelo seu eterno repouso, uma vez que há memórias funerárias

15) Cf. IRCP 583.

16) Sobre este tema e no que respeita ao território hispânico, poderá ver-se a notável síntese elaborada por Ana Paula FERREIRA, «As saudações do Além entre os Romanos», *Conimbriga*, 35, 1996, p. 107-127.

17) Cf. CAESSA (Ana Isabel de Sá), «Viver docemente e descansar em paz!», *Jornal de Coimbra*, 27 de Julho de 1988, p. 21.

18) Estudado por Maria Manuela Alves DIAS e Cláudio TORRES, «O epitáfio paleocristão de *Festellus* (Mértola)», *Ficheiro Epigráfico*, 41, 1992, nº 181.

com as siglas P. N. A. M. – na súplica de que, pela alma, se reze devoto padre-nosso e uma ave-maria sentida...

Nas poesias, essa referência pode ser ainda mais explícita, como se pode ver no célebre epitáfio de Cláudia, do século II a. C., que Maria Helena da Rocha Pereira saborosamente traduziu¹⁹:

Estrangeiro, pouco tenho para dizer; pára e lê.
Este é o sepulcro não pulcro de uma pulcra mulher.
Cláudia foi o nome que lhe puseram seus pais.
Ao marido amou de todo o seu coração.
Filhos, criou dois. Destes, a um,
Deixou sobre a terra, o outro sob ela.
Aprazível a sua fala, gracioso era o seu andar.
Cuidou da sua casa, fiou lã. Disse. Podes ir-te.

Um texto significativo, que mostra como os epitáfios podem ser analisados, inclusive, do ponto de vista literário e filosófico²⁰. Um texto culto, porém. Será essa a norma? Será apanágio das classes elevadas o emprego da poesia tumular?²¹

A questão prende-se com a pergunta inicial: qual a razão de ser do epitáfio? Porque é que há imponentes jazigos que ostentam apenas um nome? É que as «personalidades» detiveram outros meios de se perpetuar. É ao homem comum que só uma alternativa resta: o epitáfio. Daí os versos populares. De pé quebrado, de paginação heterodoxa, mas duma singularidade extrema:

19) In *Romana (Antologia da Cultura Latina)*, Coimbra, 31994, p. 13.

20) Realce-se, nesse domínio, o labor ímpar de Lidia Storoni Mazzolani, cuja obra assenta, em boa parte, na interpretação do que pode estar por detrás de um singelo epitáfio ou de mero elogio fúnebre. Na impossibilidade de se referirem, aqui, todos os livros sobre esta temática, faço menção de dois: *Iscrizioni Funerarie Romane*, Biblioteca Universale Rizzoli, Milão, 1991 (cf. *Conimbriga*, 31, 1992, p. 197-200); *Una Moglie*, Sellerio editore, Palermo, 1982.

21) É prevalentemente negativa a resposta a essa questão, como sabiamente o demonstrou Maria Micaela SOARES: «Epigrafia tumular moderna no concelho de Azambuja», *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, nº 92, 1º tomo, 1990/1998, p. 155-200.

LINDO BOTÃO
 DE CRAVO FLORIU QUE
 TÃO CEDO DESFOLHOU
 TINHAS TÃO BOM CORAÇÃO
 QUE DEUS PRÓ CÉU
 TE LEVOU

- lê-se numa lápide do cemitério de Bragança (foto 4).

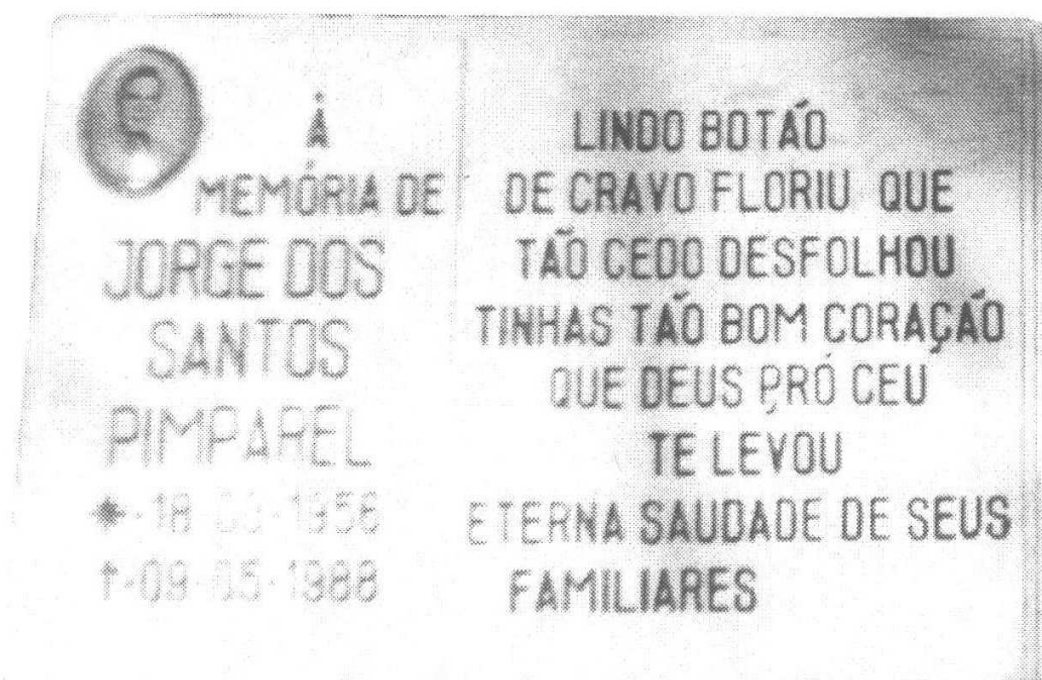


Foto 4

E as frases que são prosa mas...:

DO NOSSO HOMEM GRANDE E
 FORTE, QUE NÃO PASSOU DE MENINO

- saudação ao Zezinho, de Castro Laboreiro, falecido a 5-7-80, com cinco anos por completar.

Em termos de inultrapassável concisão, termina assim um epitáfio romano de Ourém:

VENISTI
 AVE
 LEGISTI
 SALVE

«Olá, tu que chegaste! Já leste? Passa bem!»²²

Permitam-me que glose a mensagem: ave quantos tiveram a amabilidade de me ler; a todos, agora, salve!

22) Cf. João COSTA, «Inscrição funerária de Vila Nova de Ourém (*Conventus Scallabitanus*)», *Ficheiro Epigráfico*, 8, 1984, nº 34 (= AE 1984 477).